

## *Crisfal*

### de Cristóvão Falcão

1

Antre Sintra, a mui prezada,  
e serra de Ribatejo  
que Arrábeda é chamada,  
perto donde o rio Tejo  
se mete n'água salgada,  
houve um pastor e pastora,  
que com tanto amor se amarom  
como males lhe causarom  
este bem, que nunca fora,  
pois foi o que não cuidarom.

2

A ela chamavam Maria  
e ao pastor Crisfal,  
ao qual, de dia em dia,  
o bem se tornou em mal,  
que ele tam mal merecia.  
Sendo de pouca idade,  
não se ver tanto sentiam  
que o dia que não se viam,  
se via na saudade  
o que ambos se queriam.

3

Algüas horas falavam,  
andando o gado pascendo;  
e então se apascentavam  
os olhos, que, em se vendo,  
mais famintos lhe ficavam.  
E com quanto era Maria  
piquena e, tinha cuidado  
de guardar melhor o gado  
o que lhe Crisfal dizia;  
mas, em fim, foi mal guardado;

4

Que, depois de assi viver  
nesta vida e neste amor,  
depois de alcançado ter  
maior bem pera mor dor,  
em fim se houve de saber  
por Joana, outra pastora,  
que a Crisfal queria bem;  
(mas o bem que de tal vem  
não ser bem maior bem fora,  
por não ser mal a ninguém).

5

A qual, logo aquele dia  
que soube de seus amores,  
aos parentes de Maria  
fez certos e sabedores  
de tudo quanto sabia.  
Crisfal não era então  
dos bens do mundo abastado  
tanto como do cuidado;  
que, por curar da paixão,  
não curava do seu gado.

6

E como em a baixeza  
do sangue q e pensamento  
é certa esta certeza –  
cuidar que o mericimento  
está só em ter riqueza –  
enquerirom que teriam  
e do amor não curarom;  
em que bem se descontarom  
riquezas, se faleciam,  
por males que sobejarom.

7

Então, descontentes disto,  
levarom-na a longes terras  
esconderom-na entre üas serras,  
onde o sol não era e visto  
e a Crisfal deixarom guerras.  
Além da dor principal,  
pera mor pena lhe dar,  
puserom-na em lugar  
mau para dizer seu mal,

mas bom pera o chorar.

8

Ali os dias passava  
em mágoas, da alma saídas,  
dizer a quem longe estava,  
e chorava por perdidas  
as horas que não chorava.  
Em vale mui solitário e  
sombrio e saudoso,  
send'o monte temeroso  
pera o choro necessário  
pera a vida mui danoso,

9

Dizer o que ele sentia,  
em que queira, não me atrevo,  
nem o chorar que fazia;  
mas as palavras que escrevo  
são as que ele dizia.  
Ali sobre ùa ribeira  
de mui alta penedia,  
donde a água d'alto caía,  
dizendo desta maneira  
estava a noite e o dia:

10

«Os tempos mudam ventura  
bem o sei, pelo passar;  
mas, por minha gram tristura,  
 nenhuns puderam mudar  
a minha desventura.  
Não mudam tempos nem anos  
ao triste a tristeza;  
antes tenho por certeza  
que o longo uso dos danos  
se converte em natureza.

11

Coitado de mim, cuitado  
pois meu mal não se amansa  
com choro nem com cuidado!  
Quem diz que o chorar descansa  
é de ter pouco chorado;  
que, quando as lágrimas são  
por igual da causa delas,

virá descanso por elas;  
mas como descansar hão  
pois que são mais as querelas?

12

Com tudo, olhos de quem  
não vive fazendo al,  
chorai mais que os de ninguém,  
que o que é para maior mal  
tenho já para maior bem.  
Lágrimas, manso e manso,  
prossigam em seu ofício;  
que não façam benefício :  
não servindo de descanso,  
servirão de sacrefício.

13

Minhas lágrimas cansadas,  
sem descanso nem folgança,  
a minha triste lembrança  
vos tem tam aviventadas  
como morta a esperança.  
Correi de toda vontade,  
que esta vos não faltará.  
Mas isto como será?  
Pedi-la-ei à saudade,  
e a saudade ma dará.

14

Todos os contentamentos  
da minha vida passaram,  
e em fim não me ficaram  
senão descontentamentos  
que de mim se contentarom.  
Destes, polo meu pecado  
(inda que nunca pequei  
a e quem amo e amarei),  
nunca desacompanhado  
me vejo nem me verei.

15

Faz-me esta desconfiança  
ver meu remédio tardar,  
e já agora esperar  
não ousa minha esperança,  
por me mais não magoar.

Se por isto desmereço,  
dê-se-me a culpa assim  
e seja só com a fim,  
que há muito que me conheço  
aborrecido de mim.

16

Meu coração, vós abristes  
caminho a meus cuidados,  
pera virem a ser banhados  
na água de meus olhos tristes,  
tristes, mal galardoados.  
Necessário é que vamos  
algum remédio buscar  
para se a vida acabar .  
est'é bem que dessejamos,  
est'é nosso dessejar.

17

Iremos pela estrada  
por onde os tristes vão  
porque nela, por razão  
deve ser de nós achada,  
achada consolação.  
Sobir-me-ei ao pensamento  
qu'é alto; de ali verei  
verei eu se poderei  
ver algum contentamento  
de quantos perdidos hei.

18

Mas o que poderá ver  
quem já da vista cegou?  
Porque quem me a mim levou  
meu alongado prazer  
nenhum bem ver me deixou.  
Deixou-me em escuridade  
um mal sobre outro sobejo,  
pelo que triste me vejo  
tam longe da liberdade  
como do bem que dessejo.

19

Verei a vida, que em vida  
bem vista tanto aborrece  
aborrece a quem padece

tristeza mal merecida,  
que minha fé mal merece.  
Levarom-me toda a glória,  
com quanto bem dessejei,  
dessejei e alcancei;  
ficou-me só a memória,  
por dor, de quanto passei.

20

Lembrança do bem passado,  
que não devera passar,  
esta me há-de matar;  
dá-me tal dor o cuidado,  
que se não pode cuidar.  
Nada, se não for a morte,  
me dará contentamento:  
segundo sei do que sento,  
não sento prazer tão forte  
que conforte meu tormento.

21

Não devo eu mal querer  
a quem me aqui deixou;  
que ouvido nom possa ser,  
já me algum bem ficou,  
que é meu mal poder dizer.  
Mas, triste, não sei que digo;  
isto é falar a esmo:  
que assaz me foi inimigo  
quem se vingou de mim mesmo  
com me só deixar comigo.

22

Que me queira consolar,  
o meu mal não tem conforto  
nem eu lho posso buscar:  
para o prazer sou morto  
e vivo para o pesar.  
Quanto mal tam desvairado  
e todos para dar fim!  
Tudo me é contrairo, assim:  
descuido matou meu gado,  
cuidado matou a mim.

23

Vida de tam longos males,

como não cansa de ser!  
que eu canso já de viver,  
e o eco destes vales  
cansa de me responder.  
As ribeiras, em eu vê-las,  
correm mais do que é seu foro,  
entrando meu chorar nelas;  
e pois ajudam meu choro,  
quero só falar com elas.

24

Companheiras do meu mal,  
águas que d'alto correis,  
onde caís desigual,  
parece que me dizeis:  
– Porque não choras, Crisfal?  
Contar-vos quero, amigas,  
o que esta noute sonhei,  
com o qual tal dor me dei  
que minhas muitas fadigas  
em mais fadigas dobrei

25

Despois de ontem deixar  
de vos contar os meus males,  
fui-me cá baixo geitar  
no mais baixo destes vales,  
antre pesar e pesar;  
onde, despois que aos ventos  
descobri minhas paixões,  
gastadas muitas rezões,  
mudei os meus pensamentos  
em minhas contemplanções.

26

Contente de descontente,  
a noute sendo calada,  
como é certo em quem sente,  
não ficou cousa passada  
que me não fosse presente.  
Vindo-me à memória dar,  
quando andava com o gado,  
ter com Maria sonhado,  
fez-me o dormir desejar,  
de mim pouco desejado.

27

E crendo que aproveitasse  
pera meu contentamento  
se eu com ela sonhasse,  
deu-me logar meu tromento  
que algum pouco repousasse.  
E como cansado estava  
do que no dia passei,  
a dormir pouco tardei;  
e adormecido, sonhava  
o que vos ora direi:

28

Sonhava, em meu sonhar,  
onde dormindo estava  
ali velando estar,  
quando da parte do mar  
gram vento se alevantava,  
o qual com tal sobressalto  
chegava onde eu jazia,  
e que da terra me erguia  
em tanto extremo alto  
que a vista me falecia.

29

Vendo-me em lugar tal,  
baixei os olhos a terra,  
vi craro dia, não al,  
e os vales e a serra  
tudo julguei ser igual;  
mas como aborrecido  
tanto da vida andasse,  
que meu mal já dessejasse,  
temor tam pouco temido  
não creio eu que se achasse.

30

Depois de me ser mostrado  
este perigo de morte,  
a terra mais abaixado,  
contra a parte do norte  
sonhava que era levado.  
Entre Tejo e Odiana  
era o meu caminhar,  
donde poderei contar,  
se o que notei nom me engana  
cousas bem pera notar.

31

Porque vi muitos pastores  
andar guardando seus gados,  
vestidos d'alegres cores,  
bem fora dos meus cuidados  
mas não dos de seus amores  
(não querendo mais haveres  
nem querendo mais riqueza,  
porque amor tudo despreza);  
mas todos os seus prazeres  
foram pera mim tristeza.

32

Em um vale, descontente  
estar Natónio vi,  
destes assaz diferente,  
que cási não conheci,  
sendo bem meu conhecente.  
Aqueste é o pastor  
que já veo aqui buscar-me,  
não mais que por consolar-me;  
Vi-o com tanta dor,  
que dor me dá o lembrar-me.

33

Chorando lágrimas mil,  
estava consigo só  
ao modo pastoril  
de dó, bem pera haver dó,  
tinto o hábito vil.  
Em ùa fruta tangendo,  
ao pé de um árvore estava;  
dês que da boca a tirava,  
de dentro d'alma gemendo,  
em vez de cantar, chorava.

34

Quisera-o eu consolar,  
mas em cujo poder ia  
não me deu a mais lugar  
que ouvir-lhe que dizia:  
Oh!, Guiomar! Guiomar!  
Em vós pus minha esperança,  
e quanto ela encobre

agora em dor se descobre:  
perigos de confiança  
fizerom do rico pobre.

35

Assi, por ele passando,  
– Natónio , tenhas prazer!  
lhe dixei, gram brado dando,  
té o da vista perder,  
os olhos nele deixando.  
Deus lhe dê contentamento,  
pois que nos, fez a ventura  
companheiros na tristura,  
em que seu e meu tormento  
cada vez tem menos cura.

36

Daqui fomos descorrendo  
até o Tejo passar,  
a água de quem eu vendo,  
me foi dor sobre dor dar,  
indo já dor padescendo.  
Chorando a lembrança dela,  
virada foi minha face  
pera onde o gado pasce  
da grande Serra da Estrela,  
da qual o Zêzare nasce.

37

Posto no seu alto cume,  
deixarom-me ali estar.  
O meu coração presume  
que foi por me magoar,  
como tinham por costume.  
Dali os pães semeados  
ver a meus olhos deixarom,  
que por não grados julgarom;  
mas, posto que foram grados,  
eu sei que não me agradarom.

38

Já o sol se encobria  
a este tempo, e mais  
ficando a terra sombria,  
e o gado aos currais  
já então se recolhia;

ouvi cães longe ladrar,  
e os chocalhos do gado  
com um tom tam concertado,  
que me fizeram lembrar  
de quanto tinha passado.

39

Por mais minhas queixas vãs,  
vi berrar o gado moucho,  
coberto das finas lãs,  
e assoviar o moucho  
com o triste cantar das rãs.  
Já as serranas ao [a]brigo  
se iam, os prados deixando,  
as mais delas suspirando:  
üa dizia: – Ai, Rodrigo!  
outra dizia: – Ai, Fernando!

40

Üa ciúmes temia,  
outra de si tem receo;  
üa ouvi que dizia:  
– Quanasinha a noute veo!  
Outra: – Já tarda o dia!  
E por este experimento  
foi Amor de mim julgado  
por nom menos ocupado  
do que [é] o pensamento,  
que nunca está descansado.

41

Antre estas, só, saudosa,  
vi antre duas ribeiras  
üa serrana queixosa  
cercando üas cordeiras,  
sendo cordeira fermosa,  
como ali tem por uso,  
em üa roca fiando;  
mas, como que ia cuidando,  
caía-se-lhe o fuso da mão  
de quando em quando.

42

Tendo parecer devino,  
pera que melhor lhe quadre,  
cantar cantou dele dino:

*Yo me iva, la mi madre,  
a Sancta Maria del Pino.*

O vestido lhe oulhei  
e vi que era um brial  
de seda e não de saial,  
a qual eu afigurei  
a Menga, *la del Boscal*.

43

Depois d'acabar seu canto,  
dezia: – Ninguém me crea  
por me ver alegre tanto:  
visto-me à vontade alhea  
e o meu cantar é pranto.  
Anda a dor dessimulada,  
mas ela dará seu fruto;  
a minha alma traz o luito:  
de pouco sam esposada,  
mas descontente de muito.

44

Troquei amor por riqueza,  
porque mo trocar fizerom;  
mas bem pago esta crueza,  
que, em que cem contos me derom  
descontaram-se em tristeza.  
Meu esposo aborreço  
quando me à lembrança vem  
do primeiro querer bem:  
ninguém venda amor por preço,  
pois ele preço não tem.

45

Não tenho que lhe falar  
se não sam cousas passadas;  
se lhe estas quero contar,  
vam ser todas namoradas  
pera o pouco namorar:  
Fora ele o meu amor  
e vivera eu pobrememente!...  
Que grande engano de gente!:  
que pobreza há i maior  
que a vida descontente?

46

Quando com ele me assento,

mil vezes caio em míngua,  
porque, por esquecimento,  
falando, descobre a língua  
o que está no pensamento.  
Faz-nos isto então ficar  
eu muda e ele mudado;  
ama-me como é amado;  
pera me disto guardar  
por bom hei guardar o gado.

47

Maria perdi – mesquinha!  
Logo em sermos apartadas,  
do meu mal fui adevinha;  
milhor sejam suas fadas  
do que foi a fada minha.  
Deus a dê ao seu Crisfal,  
por ambos contentes ter,  
e mais não lhe quero ver,  
mas já sei, pelo meu mal,  
o bem d'outrem escolher.

48

Quando a eu assi ouvi  
doer-se de minha pena,  
com novos olhos a vi,  
e então que era Helena,  
minha amiga, conheci.  
Esta pastora e dama  
certo que melhor lhe ia  
quando a cantar ouvia,  
dando fé que em sua cama  
o velho não dormiria.

49

Pena me deu de não crer  
vê-la em tal tristeza posta;  
quisera-lhe eu responder,  
mas trespôs ùa trespоста  
pelo qual não pôde ser.  
Depois de ver-me sem ela,  
os meus olhos me chorarom:  
quantas cousas lhe lembrarom  
que antre mim, Maria e ela  
em outros tempos passarom!

50

Dês que aqui, com meu cuidado,  
me estive fazendo guerra,  
sendo o dia já passado,  
vi-me levado da terra,  
contra as nuvens alçado.  
Então, como que voante,  
de quem me ali trouxera  
sonhei que levado era  
contra onde, a tarde ante,  
o sol vi que se pusera.

51

Indo não com menos dor,  
em que já 6 com mais sossego,  
os ventos me foram pôr,  
depois de passar Mondego,  
sobre as serras de Loor.  
Vão ali grandes montanhas  
de alguns vales abertas,  
todas de soutos cobertas  
aos naturais estranhas,  
mas à saudade certas.

52

Junto de ùa fonte era  
o lugar onde fui posto,  
onde sê-lo não quisera,  
sendo bem lugar de gosto  
pera quem gosto tivera;  
mas a mim nem o passado  
nem o que me era presente  
nada me não fez contente,  
que nisto o magoado  
é como o muito doente.

53

Coberta era a fonte  
de tam fresco arvoredado,  
que não sei como o conte,  
mui quieto e mui quedo,  
por ser antre monte e monte.  
A noite, de ventos muda,  
como saudade escolha;  
e, por que mais prazer tolha,  
chovia água miúda  
por cima da verde folha.

54

Depois que ali chegava,  
ou depois que ali cheguei,  
sonhava que acordava;  
e do que atrás passei  
de ser sonho me lembrava.  
O que então me era mostrado  
tendo só por verdadeiro,  
ao pé de um castanheiro  
me pus, triste, assentado,  
ouvindo o tom de um ribeiro.

55

Meus olhos e eu passámos  
ali a noute em clamores,  
até que ao tempo chegámos  
a que nós outros, pastores,  
o dilúculo chamamos.  
Naqueste tempo corrompe  
a ave que chamam leal  
o silêncio de seu mal,  
que é quando a alva rompe  
e o dia faz sinal.

56

Então, por que tudo fale,  
contando as mais paixões  
que rezão é que não cale,  
ouvi gritar uns pavões  
lá no mais baixo do vale.  
Trás isto, pouco tardando,  
um doce cantar ouvia  
que na minha alma caia,  
o qual eu, bem escutando,  
entendi que assi dizia:

57

Não sei para que vos quero,  
pois me d'olhos não servis,  
olhos a que eu tanto quis!

58

Pera ver me fostes dados,  
vós só a chorar vos destes;

e se eu tenho cuidados,  
meus olhos, vós mos fizestes:  
dês que neles me pusestes,  
de descanso me fugis,  
olhos a quem eu tanto quis!

59

Meus olhos, por muitas  
usais comigo cruezas;  
tomais as minhas tristezas  
pera vossas alegrias.  
Então noites, então dias,  
olhos, nunca me dormis:  
olhos a quem eu tanto quis!

60

Quando vós primeiro vistes,  
que não me era bom sabíeis;  
mas, por gozar do que víeis,  
em meu dano consentistes.  
O que então me encobristes,  
agora mo descobris,  
olhos a quem eu tanto quis!

61

Ando-vos a vós buscando  
cousas que vos dêem prazer,  
e vós, quando podeis ver,  
tristezas me andais tomando.  
Agora vou-vos cantando,  
vós a mim chorando me is,  
olhos a que eu tanto quis!

62

Quem o que digo cantava,  
dês que o cantado teve,  
não sei o que o causava,  
mas espaço se deteve  
assi como que cuidava.  
Depois de cuidado ter,  
a voz de novo alçou;  
este cantar começou,  
o qual devia de ser  
aquilo em que cuidou:

63

Como dormirão meus olhos?  
Não sei como dormirão,  
pois que vela o coração.

64

Toda esta noite passada,  
que eu passei em sentir,  
nunca a pude dormir,  
de ser muito acordada.  
Dos meus olhos foi velada;  
mas como não velarão,  
pois que vela o coração?

65

As horas dela cuidei  
dormi-las, foram veladas;  
pois tão bem as empreguei,  
dou-as por bem empregadas.  
Todas as noites passadas  
neste pensamento vão,  
pois que vela o coração.

66

Pássaros, que namorados  
pareceis no que cantais,  
não ameis, que, se amais,  
de vós sereis desamados.  
Em meus olhos agravados  
vereis se tenho rezão,  
pois que vela o coração.

67

Como a cantiga mostrava,  
femenil, a meu cuidar,  
era a voz de quem cantava,  
qu'em, por mais de bem cantar,  
eu ouvir me contentava;  
por que de quem ser podia  
então suspeita me deu,  
que todo o cantar seu  
era o da minha Maria  
ou a do desejo meu.

68

Com um temeroso prazer,

que soe ter quem recea,  
dessejava eu de ver  
a quem eu ainda veja,  
antes da vida perder.  
Neste desejo, de cima  
estando-a eu ouvindo,  
a Deus ser ela pedindo,  
vi-a vir o vale acima  
em seu cantar prossiguindo.

69

Muito a vi eu mudada;  
mas, com, conheci  
ser a minha dessejada,  
a quem, assi vendo, vi,  
a vista no chão pregada,  
com o seu cantar pensoso  
e passadas esquecidas,  
ao tom dele medidas,  
vestida vir de arenoso,  
as mãos nas mangas metidas.

70

Ûa coifa não lavrada,  
antes sem nenhum lavor;  
e em cima, por mais dor,  
ũa talhinha pedrada  
ou um pedrado atenor.  
Quisera-a ir receber,  
vendo-a ante mim presente,  
mas não pude, de contente;  
que, indo pera me erguer,  
de prazer me achei doente.

71

Vendo então que me forçava  
o prazer fazer demora,  
olhei o que mais passava  
e vi-a, que àquela hora  
comigo emparelhava.  
Dando uns mui doces brados,  
saídos do coração,  
a cantiga vinha então:  
«em meus olhos agravados  
vereis se tenho rezão».

72

Ao que eu responder  
me lembra: – São agravados?  
Podem logo os meus dizer  
que são bem-aventurados,  
pois que vos puderom ver.  
Como ela em me ouvir  
gram sobressalto sentisse,  
quis fugir; mas quem lhe disse  
que se pusesse em fugir  
lhe fez com que não fugisse.

73

Nas mulheres o temor  
tanto o poder impede  
quanto o medo maior for,  
e contra donde procede  
os olhos costumam pôr.  
Ela fazendo-o assi,  
vendo-me, ficou mudada;  
depois, já em si tornada,  
se chegou mais pera mim,  
a ser bem certificada.

74

Depois de me visto ter  
e já que me conhecia,  
lágrimas lhe vi correr  
dos olhos, que não movia  
de mim, sem nada dizer.  
Eu lhe disse: – Meu desejo,  
– vendo-a tal com assaz dor –  
desejo do meu amor,  
crerei eu ao que vejo  
ou crerei ao meu temor?

75

A isto, bem sem prazer,  
me tornou então assi,  
com voz de pouco poder:  
– Crisfal, que vês tu em mim  
que não seja pera crer?  
Eu lhe respondi: – Perder-vos  
de vos ver, por tanto ano,  
faz-me assim temer meu dano,  
que vejo meus olhos ver-vos  
e temo que me engano.

76

– Pois crê certo que esta sam –  
deu a isto por resposta,  
ainda que alegre não. –  
E quem em tal dor é posta  
o que dela não crerão?  
Bem é de crer o meu choro,  
a que tu causa me deste;  
não t’espante o que fizeste,  
que quem me pôs neste  
tu és o que me puseste.

77

Por ti vim eu desterrada  
a estas estranhas terras  
de donde eu fui criada;  
e por ti, antre estas serras,  
em vida sam sepultada,  
onde a se me perderem  
a frol dos anos se vão;  
ora julga se é rezão  
d’as minhas lágrimas serem  
menos daquestas que são.

78

Despois que isto falou,  
como quem em si respeita,  
as mãos ambas ajuntou,  
e, postas na face direita,  
dizer assim começou:  
– Sobre o muito que perdi,  
nenhüa cousa duvido  
em ter o saber perdido,  
pois tam mal me defendi  
do que me era defendido.

79

Eu lhe perguntei a hora,  
mui triste de assi a ver:  
– Quem teve tanto poder  
que tenha poder,  
senhora, de nada vos defender?  
Respondeu por antre,  
como fala quem se peja:  
– Dir-to-ei, em que erro seja:

defendem-me meus parentes  
que te não fale nem veja.

80

E, Crisfal, é-me forçado  
fazer a vontade sua,  
porque lho tenho jurado  
e também porque da tua  
o certo me têm mostrado:  
que me dam certa certeza,  
porque fazem conhecer-me  
(o que eu hei por gram crueza»  
o amor que mostras ter-me  
ser só por minha riqueza.

81

Ouvir-lhe eu isto me era  
passar o trago mortal,  
que não há cousa tam fera  
como é achar-se o mal  
onde o bem achar se espera.  
Vendo já que estava posta  
em o que eu não esperei,  
com minha dor, trabalhei  
por lhe dar esta reposta  
que me lembra que lhe dei:

82

– Ó Maria, ó Maria,  
brando achara meu mal,  
se, para minha alegria,  
vos vira a vontade tal  
como me ela ser devia;  
mas não é nova usança  
quem grande bem esperou  
não ver o que dessejou.  
Muito pode a mudança,  
pois que vos tanto mudou!

83

Quem pudera suspeitar  
que no amor e na fé  
me havíeis de faltar!  
Mas pois já isto assi é,  
tudo é pera cuidar;  
pois, por mais mal que se guarde,

sempre será meu amor  
como a sombra, em quanto eu for:  
quanto vai sendo mais tarde,  
tanto vai sendo maior.

84

Quando vos dei a vontade,  
inda vós éreis menina  
e eu de pouca idade;  
mas caiu minha mofina  
sobre a minha verdade.  
Muito vos quis bem, primeiro  
que de riquezas soubesse,  
pois meu amor verdadeiro,  
de quem só sois interesse  
[é] quem me faz interesseiro.

85

Sobre a terra anda o gado  
e sobre ela ouro e riqueza;  
mas pera que é dessejado,  
que em fim não tira tristeza  
e acrescenta cuidado?  
Não sei em que se encerra  
ser esquecida e estranha  
esta verdade tamanha:  
cá fica o haver na terra,  
o amor a alma acompanha.

86

Nus neste mundo nascemos  
e nus sairemos dele;  
neste meio que vivemos,  
só o rico é aquele  
que ser contente sabemos,  
E que grandes bens vos dessem  
aqueles que vo-los derom,  
eu sei bem que nus nascerom,  
e antes que os tivessem  
é certo que não tiverom.

87

Pois se isto é assi  
e o eu tam bem conheço,  
como se crerá de mim  
que sofrer o que padeço

pode ser a este fim?  
Cuidar que cuidado tinha  
das vossas riquezas grossas!  
Nas cousas passadas nossas,  
vereis ser riqueza minha vós,  
que não riquezas vossas.

88

Mas, que fosse assi e mais,  
que remédio vos dão  
com quem conselho tomais  
á grande obrigação  
em que, quanto a Deus, me estais?  
Que não são casos pequenos  
pera que se a alma não doa...  
Respondeu: – Essa é boa:  
dizem que isso é o menos,  
que Deus que tudo perdoa.

89

E dizem que eu moça era  
ao tempo que isso foi ser;  
e como tempo de crescer  
tinha, que assi justo me era  
tê-lo de me arrepender.  
Isto e mais se me diz  
– crê que te falo verdade –  
que não tinha liberdade  
pera fazer o que fiz,  
por minha pouca idade.

90

Então me mandam que meça  
amor com quam longe estamos,  
pera que mais não me empeça;  
e se prazeres passámos,  
os dessemule e esqueça;  
e que então me buscarão  
um mui grande casamento,  
tam de meu contentamento  
quanto meus olhos verão;  
e que o mais crea que é vento.

91

Muitos pastores buscaram;  
mas um pastor, por ser-te amigo,

e outro, por ser-te inimigo,  
um e outro se escusaram;  
e dão-lhe logo comigo  
gado, que farão mil queijos;  
mas o com que se despediram  
é já mostrar que temiam  
que o sabor dos teus beijos  
na minha boca achariam.

92

E eu, de mui esquecida,  
vou-lhe fazer o contraíro!  
A ser tal culpa sabida,  
sei certo que este desvairo  
pagarei com minha vida.  
E em isto ser assi  
assaz de razão seria,  
pois tam mal naqueste dia  
o seu mandado compri  
como o que a mim cumpria.

93

Não te veja aqui ninguém,  
vai-te, Crisfal, desta terra;  
não quero teu querer bem,  
por que me não dê mais guerra  
da que já dado me tem.  
Em lhe isto eu ouvindo,  
fui para lhe responder;  
mas, depois de o dizer,  
contra donde tinha vindo  
se me tornou a volver.

94

Dei ùa voz mui dorida:  
– Por que me negais conforto,  
alma desagradecida?  
Então caí como morto,  
oxalá perdera a vida.  
Não sei eu o que passou,  
em quanto isto passei,  
mas junto comigo achei  
quem me este mal causou,  
depois já que em mim tornei.

95

E dizendo: – Ó mezquinha,  
como pude ser tam crua! –  
bem abraçado me tinha,  
a minha boca na sua  
e a sua face na minha.  
Lágrimas tinha choradas  
que com a boca gostei;  
mas, com quanto certo sei  
que as lágrimas são salgadas,  
aquelas doces achei.

96

Soltei as minhas então,  
com muitas palavras tristes,  
e tomei por concrusão:  
– Alma, por que não partistes,  
que bem tínheis de rezão?  
Então ela, assi chorosa  
de tam choroso me ver,  
já pera me socorrer,  
com a voz piadosa  
começou-me assi dizer:

97

– Amor de minha vontade,  
ora nom mais! Crisfal manso,  
bem sei tua lealdade:  
ai, que grande descanso  
é falar com a verdade!  
Eu sei bem que não me mentes,  
que o mentir é diferente:  
não fala d'alma quem mente.  
Crisfal, não te descontentes,  
se me queres ver contente.

98

Quando contigo falei  
aquela última vez,  
o choro que então chorei  
que o teu chorar me fez,  
nunca o eu esquecerei.  
Foi esta a vez derradeira  
mas começo de paixão,  
passando-me eu então  
para o casal da Figueira,  
do Val de Pantalião.

99

Minha fé te é verdadeira,  
no mal que te fiz o vi  
porque, em fim, á derradeira,  
não quero mal contra ti  
que o meu coração queira.  
Por me ver livre de dor,  
Deixara eu de te querer,  
se o pudera fazer;  
mas poder e mais amor  
não podem estar num poder.

100

Neste passo acordei eu,  
e o meu contentamento,  
que eu cuidava que era meu,  
deu-me depois tal tormento  
qual nunca cousa me deu.  
Não sei eu que a Deus custava,  
porque não me outorgara  
que nesta glória ficara,  
ou pois já que acordava,  
que disto não me acordara li.

101

Assi como nos lugares,  
em morte e enterramento,  
os sinos dobram a pares,  
morreu meu contentamento,  
dobrarom-se meus pesares.  
Por quam gram dita tivera,  
se, por dar fim a tristura,  
eu neste tempo morrerá!  
Sabe Deus que eu bem quisera,  
mas não quis minha ventura.

102

Não vos posso mais contar,  
águas minhas, minhas águas,  
que me não deixa pesar.  
Ora chorai minhas mágoas,  
que bem são pera chorar;  
que, em que cem olhos tivera,  
como teve Argos pastor,  
da vaca Io guardador,  
mais olhos mister houvera

para chorar minha dor».

103

Isto que Crisfal dizia,  
assi como o contava<sup>2</sup>  
üa ninfa o escrevia  
num álemo que ali estava,  
que ainda então crescia.  
Dizem que foi seu intento  
de escrevê-lo em tal lugar,  
pera por tempo se alçar  
onde baixo pensamento  
lhe não pudesse chegar.

104

Eu o treladei dali,  
donde mais estava escrito  
que aqui não escrevi,  
porque mal tam infinito  
não se lhe pode dar fim.  
O que se fez de Crisfal  
não sabe certo ninguém;  
muitos por morto o tem,  
mas quem vive em tanto mal  
nunca vê tamanho bem.

*Carta do mesmo, estando preso , que mandou a aa senhora com que era casado a furto contra vontade de seus parentes dela, os quais a queriam casar com outrem, sobre que fez, segundo parece, a passada égloga.*

Os presos contam os dias  
mil anos por cada dia;  
mas os meus sem alegria,  
como os contarei eu,  
verdadeiro amor meu,  
a quem por meu Deus conheço,  
pois como preso padeço  
e como quem<sup>3</sup> vos não vê?!  
– mal, cuja dor se não crê,  
de prisão e de ausência,  
pois, sem pecar, penitência  
faço detrás de ùa grade.  
Meus olhos, de escuridade,  
já não vêem, já estão mortais;  
mas pera que era ver mais,  
dês que vos eles não virom,  
dês que de vós se espedirom?  
Bem se enxerga nos danos  
que estou preso há cinco anos,  
afora os que hei de estar,  
passando em desejar,  
o tempo que vos não vejo.  
Vede que fé de dessejo  
em que lugar m'acompanha:  
nunca se viu fé tamanha  
nem tão mal agradecida!  
Não quis Deus que a minha vida  
fosse pera mais que isto;  
ainda que, em vos ter visto,  
não nasci em vão, senhora,  
que a vida é de ùa hora  
(e) este bem será eterno:  
que quer estê<sup>3</sup> no inferno,  
que quer estê no paraíso,  
nunca me verão deviso  
daqueste tamanho bem.  
E não vos diga ninguém  
que o mal que me tendes feito  
me faz ter outro respeito,  
inda que fora rezam;  
mas não quer o coração,  
pelo muito que vos quer;  
e sempre isto há de ser,  
em quanto eu vivo for.

Que verdade e que amor  
pera se não ter em muito,  
e quam pouco bom é o fruto  
que dele tenho tirado!  
Quem lançasse o meu cuidado  
onde o não visse mais,  
pois lembranças tem mortais  
traz á minha fantasia,  
que basta üa de um dia  
pera me os meus tirar.  
Nele vos vi eu chorar,  
e nele chorei também,  
derradeiro do meu bem  
e primeiro do meu mal.  
Nada, senhora, me vai,  
não sei em que me sustenho;  
pois que vos escrito tenho,  
porque não vejo repostas?  
Quem vos pôs no que estais postas?  
Que palavras vos disseram,  
que mais que a razão puderam  
que já entre nós pusemos?  
Cuidai quanto nos quisemos,  
e não vos possa mudar  
dizer que vos podem dar  
outrem que tenha mais que eu.  
Pode ser – não nego eu;  
mas bem vos posso afirmar  
que não podereis achar  
outrem que vos tanto queira.  
Olhai que, á derradeira,  
riqueza não tira dor;  
pois antre ela e o amor  
qual é mais pera estimar  
deve ser bem de julgar.  
Mas, com quanto eu isto digo,  
mal acabarei comigo,  
senhora, que possa crer,  
mudar-se vosso querer  
por nenhuns outros quereres,  
esquecendo os prazeres  
do nosso tempo passado,  
que me faz tem esforçado  
que, em quanto, a meu cuidar,  
a terra me não gozar,  
ninguém gozará de vós  
senão meus cuidados sós,  
que em vossa contemplação  
os tempos gastando vão,  
como se fôsseis presente,

com ùia fé tam contente  
como no tempo melhor.  
E se isto ante vós for  
que me pus a escrever,  
querei, senhora, entender  
que tinha que dizer mais;  
mas lembraram-me os sinais  
vossos e olhos fermosos,  
e os meus, de saudosos,  
lembrando-se que vos virom,  
com lágrimas me impedirom  
poder pôr mais por escrito.  
Baste o que tenho dito  
pera haver por galardão  
três regras de vossa mão,  
pera resposta das quais,  
senhora, fique o mais  
que aqui escrever devera,  
se o escrever pudera.

\*\*\*\*\*

Obra digitalizada por Ernestina de Sousa Coelho e revista por José Barbosa Machado. Actualizou-se a grafia.

© Projecto Vercial, 2001

<http://www.ipn.pt/literatura>

\*\*\*\*\*